

190				
			1082	

# A solidão do cacique

Renato Alves

A voz que marcou uma época em defesa dos índios e que foi ouvida com atenção no Brasil e no mundo, hoje está falando pouco. Doente, em uma cadeira de rodas, o cacique e ex-deputado Mário Juruna, primeiro e único índio a se eleger para a Câmara dos Deputados, mora com os filhos em uma casa no Guará II. Juruna, de 57 anos, se mantém com um salário pago pelo PDT, partido pelo qual se elegeu em 1986, no Rio de Janeiro, e ao qual permanece filiado. A situação é difícil, mas ele não demonstra mágoa. Tem orgulho de seu passado e brinca que voltaria para a vida política, mas só como candidato a Presidente da República.

"A Câmara não faz nada que resolva a situação do povo. O Presidente é que decide tudo", justifica o ex-deputado. Juruna está por dentro de tudo que acontece no País e no mundo. Sem poder andar, ele passa o dia em uma poltrona na sala da casa, onde descansa e assiste televisão. O cacique da tribo Xavante sai pouco, mas garante receber muita atenção de pessoas de Brasília e também de outras partes do Brasil. "Continuo conversando com todo mundo", afirma.

Há um ano e meio, Juruna passou a depender de uma cadeira de rodas para se locomover. "Eu estou com as pernas fracas desde que operei. A cartilagem entre os ossos gastou e tudo inflamou. Na saúde, o resto está bem", garante ele, com



Juruna passa os dias vendo televisão. Diz que sente saudade da aldeia, mas não se arrepende

seu português carregado pelo sotaque. Há cerca de um ano ele operou a vesícula e ainda tem na barriga as marcas de alguns pontos mal cicatrizados.

Juruna mora com os filhos em uma casa própria. "Eu tinha um apartamento no Rio e quando resolvi morar aqui vendi lá e comprei essa casa", conta o ca-

cique. Brasília foi a cidade escolhida para viver, após deixar a política. "Aqui tem os hospitais para cuidar da saúde. Seria muito difícil voltar para a aldeia por

causa das crianças, que estão no colégio", justifica. Juruna tem 11 filhos, entre os quais uma menina de 15 anos, mas só dois estão solteiros. Os outros, segundo ele, casaram e seguem sua vida.

O cacique diz que sente falta da aldeia onde vivia, a Nhamukurá, na Reserva de São Marcos, em Mato Grosso, mas não se arrepende de ter deixado sua vida por lá. "Eu sinto falta, mas eu estava seguindo o meu caminho, a minha carreira, cumprindo a minha missão", destaca o ex-deputado, que acredita ter levantado a voz do índio e aberto o caminho para sua gente.

"Acho que reconhecem o que fiz. Não fiz mais porque a máquina é muito grande", avalia Juruna, que, mesmo doente, não deixa de defender seu povo. "Não sei por que as pessoas acham que a gente não tem valor. É preciso acabar com essa discriminação, dar as escrituras das terras. Em 50 gerações, onde está o índio?", questiona o cacique Xavante.

Mas não são só as questões indígenas que recebem a atenção de Juruna. "Eu acompanho tudo e vejo que o branco também tem muito problema. É gente que mata e morre todo dia", justifica o ex-deputado, que espera do povo uma reação contra os problemas do País e um pouco mais de atitude na defesa de seus direitos.

**NELZA CRISTINA**

Repórter do JORNAL DE BRASÍLIA

## Como o chefe guerreiro se tornou político

Mário Juruna se destacou quando chegou à Câmara dos Deputados por ser índio e por colocar em cheque as palavras de autoridades e parlamentares. Ele registrava todas as conversas com um gravador grande e nada discreto, o que acabou se tornando folclore no País.

O cacique foi eleito em 1986, com 31 mil votos, pelo PDT do Rio de Janeiro. Tentou a reeleição ainda pelo Rio, mas obteve 10,8 mil votos, um nú-

mero insuficiente para garantir sua permanência na Câmara. Esperou mais quatro anos e voltou a tentar, por Brasília, uma vaga entre os parlamentares. Conseguiu perto de dois mil votos na cidade que escolheu para viver. "Eu não fiquei chateado por não ter sido reeleito. A culpa é do brasileiro. Ele é que devia mudar e parar de votar errado. Chega de sofrimento, chega de humilhação", afirma o ex-deputado.

Na Câmara, Juruna lembra que apresentou projetos de interesse dos índios, dos motoristas de táxis e até para mudar as regras da aposentadoria. Ele propôs que as mulheres se aposentassem aos 35 anos e os homens aos 45. "O tempo passa muito rápido e eu quis reconhecer o valor do homem e da mulher. Agora aumentaram a idade e quando aposenta a pessoa já está perto da cova", afirma ele. Juruna lamenta, porém, a rejeição

de seus projetos. "Se eu não fiz nada pelo menos perturbei as autoridades", afirma, rindo.

Juruna conta que na época da repressão era chefe guerreiro na aldeia. Aos poucos foi conhecendo a aldeia e seus problemas. Começou, então, a conhecer outras tribos em todo Brasil e passou a entender as dificuldades de sua raça. "Nossa gente estava sem proteção, sem defesa. Foi aí que comecei a pregar o direito do índio e me candidatei", explica.

Antes de se eleger, ele já tinha conseguido uma grande vitória para sua gente. Convidado para participar do Tribunal Bertrand Russel, em Amsterdam, Holanda, Juruna foi impedido de viajar por ser considerado incapaz, como todos os índios. Ele entrou com uma ação e saiu vitorioso, garantindo seu direito de ir e vir. Seu caso estabeleceu jurisprudência para que outros líderes indígenas saíssem do País. (N.C.)